

# Traduzindo quadrinhos e outros ambientes multissemióticos: desafios e competências

Translating comics and other multi-semiotic settings: Challenges and competencies

Adriano Clayton da Silva<sup>1</sup>

DOI 10.52050/9786586030600.c4

## Ambientes multissemióticos?

É muito fácil perceber na atualidade que nós, seres humanos (boa parte, pelo menos), estamos usando formas cada vez mais diversificadas e integradas de canais, códigos e mensagens para nossa comunicação diária. Nem é preciso citar aqui algum estudo comprobatório: podemos ver isso a cada vez que usamos o aplicativo *WhatsApp* e encontramos mensagens de texto sem emojis e com emojis, *gifs*, mensagens de áudio, fotos compartilhadas, memes, links para páginas da internet, entre outras possibilidades. Cada um desses elementos exige uma forma de transmissão específica (palavras, imagens estáticas ou em movimento, símbolos, vozes...) e igualmente exige processos cognitivos de reconhecimento e compreensão específicos tanto no emissor quanto no receptor da mensagem (saber

---

1 Mestre e Doutor em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/ UNICAMP. Email: [adrianovsk@bol.com.br](mailto:adrianovsk@bol.com.br)

ler, reconhecer expressões básicas de emoção, reconhecer pessoas e objetos em imagens, ouvir e reconhecer uma língua oral...).

Mas isso realmente é algo apenas de nossa época? Será que essa multiplicidade de formas e sentidos além das palavras orais e escritas já não acontecia antes? Desde sempre, na verdade, usamos uma infinidade de sistemas semióticos para apreender e compreender o mundo e as pessoas à nossa volta. Para entender melhor, primeiramente vamos compreender o que é um sistema semiótico.

O primeiro estudioso a organizar um conjunto de conhecimentos a respeito de sistemas semióticos foi Charles Sanders Peirce (aliás, ele é um dos fundadores da Semiótica como ciência). Tudo começa com o signo: muito resumidamente, para Peirce (2005, p. 45) “um signo, ou *representámen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém.” Desse modo, um signo pode ser a imagem de uma pessoa numa fotografia (um signo icônico), uma pegada na areia, indicando a passagem de alguém (um signo indicial) ou uma palavra e seu significado numa língua (um signo simbólico). Nos três casos, os signos representam coisas e entidades para quem os observa.

Para compreender o sistema semiótico em relação com o signo, é preciso ter em mente o “aspecto ou modo” mencionado por Peirce. Esse aspecto ou modo é a situação ou contexto em que o signo está sendo usado e em que faz sentido, e isso necessariamente exige que tal signo esteja dentro de um sistema, associado a outros signos correlatos. Somente posso reconhecer uma pessoa numa foto ao compará-la mentalmente com diversas outras pessoas que conheço ou já vi e que não são ela. Somente reconheço o sentido de uma palavra ao compará-la com todas as outras palavras e hierarquias que conheço dentro de uma determinada língua. Aliás, Ferdinand de Saussure (2006) definiu língua como um sistema de signos, mas sua ideia de signo era mais limitada que a de Peirce, e os adeptos da teoria saussuriana sempre tenderam a acreditar que seu sistema semiótico

valeria apenas para explicar as línguas humanas orais ou escritas (o que não é verdade).

Já que um sistema semiótico exige o reconhecimento de um signo em relação com outros, para apreendermos todas as ideias contidas numa única foto, devemos mobilizar diversos sistemas: um para reconhecer formas em geral (identificar um corpo humano em comparação com uma cadeira), outro para reconhecer expressões faciais (triste contra feliz), outro para reconhecer pessoas (amigo contra parente), outro para contar (uma entidade contra diversas), etc. Nesse sentido, uma carta também é um sistema multissemiótico, pois não apenas exige o conhecimento da língua escrita ali usada, mas também do gênero textual, de eventuais símbolos, como selos e assinaturas, e mesmo da forma retangular da folha, que permite a disposição dos demais elementos numa forma reconhecível. Até mesmo uma conversa por telefone demanda mais do que apenas reconhecer as palavras faladas: a forma como a conversa começa e se desenvolve, as entonações e prosódias, as intertextualidades... São todos sistemas contendo diversas possibilidades que poderão ser usadas pelos interlocutores.

E o que são os ambientes multissemióticos? São justamente todos esses textos multissemióticos em interação. Ao lermos um texto – seja este uma foto, uma carta, um filme, um *gif* do *WhatsApp* –, nos conectamos à grande rede humana de símbolos e significações, na qual nossas ideias, impressões e sensações pessoais afetarão e serão afetadas pelas impressões e sensações de outras pessoas que produziram ou igualmente leem tais textos. Embora o termo costume aparecer mais ligado à ideia de multiletramentos da Linguística Aplicada, estamos inevitavelmente mergulhados em ambientes multissemióticos, e a tradução também acontece, obrigatoriamente, dentro deles.

## Traduzindo entre sistemas semióticos

Se não podemos falar apenas de textos comunicando exclusivamente pelo canal verbal (palavras escritas ou orais), como traduzir de uma língua/cultura para outra considerando todos os sistemas semióticos possíveis? Na verdade, nosso cérebro já faz isso o tempo todo, quando traduz, por exemplo, o som da palavra carta na imagem estilizada que temos do que seja uma carta, ou quando remete à palavra *letter*. Pensando no signo de Saussure (2006), a relação significante/significado é a própria essência da tradução. Mas vamos elaborar um pouco mais essa ideia usando outros autores.

Roman Jakobson foi o primeiro linguista a pensar na tradução entre sistemas distintos – e não restrito ao sistema da “língua” estruturalista – quando formulou sua ideia de tradução intersemiótica, que “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais” (2003, p. 65). Jakobson era adepto das teorias peirceanas, portanto, as ideias de signo e sistema que ele usa são as mesmas explicadas nos parágrafos anteriores deste trabalho. Mas o linguista russo quase nada explicou sobre como funcionaria essa tradução intersemiótica, limitando-se a dizer que a arte poética poderia ser transformada em música, cinema, pintura ou dança.

Pensando nisso, resolvi tomar a tarefa de desenvolver a ideia de tradução intersemiótica (SILVA, 2017), usando para isso outras ideias e textos do próprio Jakobson. Dessa forma, descobri que a tradução intersemiótica pode ocorrer sim, entre sistemas semióticos distintos, de modo que um livro pode tornar-se um filme, por exemplo. Mas também a tradução intersemiótica ocorre entre unidades menores de texto: uma palavra escrita numa língua/cultura pode transformar-se numa imagem em outra língua/cultura. Além disso, imagens que se refiram a objetos ou situações com certo valor utilitário ou simbólico numa cultura podem também ser traduzidas por imagens de objetos

ou situações com o mesmo valor utilitário ou simbólico em outra cultura.

Admitir que a tradução também pode acontecer “ao largo” das palavras verbais aumenta consideravelmente a própria ideia de tradução. Até mesmo uma nova edição de um livro torna-se uma tradução deste. Imaginemos uma obra originalmente feita em versão impressa, com capa, folha de rosto e todos os demais elementos inerentes a uma obra física impressa. Ler tal obra vai muito além de passar os olhos pelas palavras e páginas. Nós lemos com o corpo também! Sentimos com as mãos o peso e o volume de páginas já lidas e ainda por ler; movemos pescoço e outros músculos conforme olhamos de um lado para outro das páginas; movemos todo o corpo em busca de melhores condições de conforto e iluminação... tudo isso faz parte da leitura e ficará retido na memória quando tentarmos recordar alguma passagem da obra. Agora imaginemos essa mesma obra digitalizada e sendo lida a partir de um leitor de livro digital. A experiência corporal será outra, completamente diferente. A paginação será diferente e sequer será possível ver duas páginas ao mesmo tempo, como num livro impresso. Não sentiremos o volume de quanto falta ainda a ser lido, e nem conseguiremos localizar informações da mesma forma. O maior movimento que faremos será passar o dedo de um canto a outro da tela. Tudo isso porque o sistema semiótico relacionado ao suporte da obra foi traduzido de físico para eletrônico...

Devemos ainda nos lembrar aqui de outra ideia importante: a de que imagens (num sentido amplo) não são universais, ou seja, assim como as palavras, as imagens têm seus sentidos determinados de acordo com a cultura em que são elaboradas e/ou lidas, e também de acordo com percepções pessoais. Um bom exemplo disso é o emoji 🙏: enquanto na cultura japonesa, onde foi originalmente criado, ele significa agradecimento, nos Estados Unidos ele é muito usado no sentido de cumprimento, como um *high five*, enquanto que no Brasil muitas pessoas o usam com o sentido de oração religiosa...

Nem sempre essa percepção de imagens como não universais foi tão evidente na história humana. Foi nas últimas décadas, graças a seus usos cada vez mais frequentes na comunicação, que percebeu-se que imagens também podem levar a equívocos de interpretação, como apontam estudos como o de Eleanor Rosch (1973), Roland Barthes (1986) e José Yuste Frías (2014).

Por último, vale lembrar que a ideia de multissemiótico tem aparecido dentro dos estudos sobre Tradução e na Linguística Aplicada com o nome de multimodalidade. O termo foi cunhado por Gunther Kress (2009) e por modo o autor que dizer justamente cada possibilidade de transmissão e recepção de informações num texto, seja esse texto escrito, falado, um filme, uma dança... e os modos podem ser até mesmo sensações, como cheiro e tato, desde que tais modos sejam socialmente aceitos entre os interlocutores (uma ideia muito próxima do “aspecto ou modo” de Peirce, mencionado anteriormente). E como o nome diz, a multimodalidade é multi, ou seja, admite que dois ou mais modos coexistam simultaneamente na comunicação.

## **Alguns casos de tradução multissemiótica (ou multimodal)**

Apesar dos vários pequenos exemplos já apresentados ao longo deste texto até agora, vamos nos deter um pouco mais sobre alguns casos específicos. O primeiro deles vem da tradução de um quadro para um poema.<sup>2</sup>

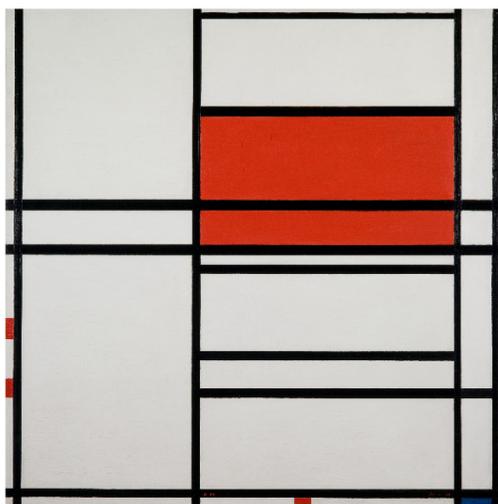
Piet Mondrian foi um dos mais importantes artistas plásticos do concretismo, movimento artístico europeu da primeira metade do século XX que buscava romper totalmente com a subjetividade humana sempre presente em todos os movimentos artísticos anteriores. Para

---

2 Essa análise foi originalmente apresentada em minha tese de doutorado (SILVA, 2019).

isso, os concretistas usavam essencialmente formas geométricas que a nada remetiam quando observadas por qualquer pessoa. Um exemplo de obra de Mondrian é o quadro *Composition with white and red* apresentado na Figura 1. Posteriormente, o concretismo influenciou fortemente alguns poetas e literatos brasileiros, os quais criaram então, na década de 1940, o movimento literário concretista no Brasil. O que os poetas concretistas valorizavam era menos a organização sintática e narrativa e muito mais a organização visual de palavras e letras numa superfície, de modo a se repensar a relação entre forma e conteúdo que até então vigorava na literatura brasileira. Entre as obras da poesia concretista, temos o poema *Branco*, de Haroldo de Campos, visto na Figura 2.

Figura 1: Quadro concretista de Mondrian.



Fonte: <https://www.slam.org/collection/objects/6886/>

Observando atentamente as duas obras, e pensando nos sistemas semióticos envolvidos, é possível pensar numa relação de tradução entre ambas? Vejamos, a pintura é composta por formas retangulares

pintadas de branco e vermelho, separadas por linhas pretas verticais e horizontais. Duas linhas pretas horizontais no centro do quadro chamam mais a atenção, bem como a combinação de linhas pretas e retângulos vermelhos. O sistema semiótico que se sobressai sem dúvidas é o das formas geométricas, mas também temos o das cores. Olhando agora para o poema, vemos as palavras branco e vermelho repetidas várias vezes e dispostas em linhas e colunas pelo espaço da superfície, além da aparição das palavras estanco e espelho abaixo das sequências de branco e vermelho. Temos dois sistemas agora se sobressaindo: o verbal escrito e o geométrico.

Figura 2: Poema concretista de Campos.

<b>branco</b>	<b>branco</b>	<b>branco</b>	<b>branco</b>
<b>vermelho</b>			
<b>estanco</b>	<b>vermelho</b>		
	<b>espelho</b>	<b>vermelho</b>	
		<b>estanco</b>	<b>branco</b>

Fonte: Revista Noigandres 4

Ora, os sistemas do poema são traduções dos sistemas do quadro: as cores e suas disposições foram traduzidas pelas palavras dispostas nas linhas e colunas, enquanto que as linhas pretas foram traduzidas pelo alinhamento imaginário, pelas linhas brancas horizontais e verticais que nossa mente consegue enxergar nos espaços entre as palavras.<sup>3</sup> Assim, Campos traduziu em poema um quadro de Mondrian. Essa tradução é confirmada por Claus Clüver (2006), que disse que alguns poemas de Campos eram homenagens a quadros de Mondrian. Mais que homenagens, podemos ver que eram de fato recriações, traduções para outros sistemas semióticos.

3 Fenômeno psicológico conhecido como pareidolia.

O segundo caso analisado é de uma tira em quadrinhos, em que tanto um contexto quanto um jogo de palavras devem ser traduzidos, buscando-se assim preservar o humor do texto.<sup>4</sup> A figura 3 mostra um trabalho da cartunista canadense Susan Camilleri Konar, feita em 2018.<sup>5</sup> Podemos ver uma tira em três quadros: no primeiro, um casal de pessoas idosas, sentadas em poltronas na frente da TV, o homem segurando um controle remoto e a mulher tricotando e dizendo no balão *If wé re gonna watch the news, I'll need my glasses...*, o que numa tradução livre para o português quer dizer *Se vamos assistir ao noticiário, vou precisar dos meus óculos...*; no segundo quadro vemos a poltrona vazia, indicando que a senhora saiu para buscar algo; no terceiro quadro vemos que a mulher traz duas taças de vinho, o que é evidenciado tanto pelo formato das figuras como pelas cores usadas, e dizendo *That's better.., Assim está melhor..*. No idioma original, o efeito de humor acontece por dois motivos: graças à palavra *glasses*, que tanto pode significar óculos como taças; e pelo fato de a mulher se preparar para assistir ao noticiário – *News* – com uma taça de vinho, ou seja, ela busca se distrair, ou se alienar, enquanto assiste à TV, indicando que provavelmente não serão boas as notícias que ela verá. Mas em português, o jogo entre a palavra e a imagem não faria sentido. Como traduzir?

---

4 Essa análise também foi originalmente feita em minha tese de doutorado (SILVA, 2019).

5 Disponível em <https://www.susancam.ca/>

Figura 3: Humor, palavras e contexto em tradução.



Fonte: <https://www.susancam.ca>.

Uma solução para manter o efeito de alienação seria traduzir o conteúdo do primeiro balão para algo do tipo *Se vamos assistir ao noticiário, vou precisar me preparar...* Essa solução, porém, elimina o jogo de palavras. Outra solução é a tradução das taças de vinho por outro objeto que indique uma ambiguidade na palavra, e é o que vemos na Figura 4. A palavra óculos se mantém no primeiro quadro, então, quando vemos a poltrona vazia, o que esperamos é que a senhora apareça com seus óculos. E ela de fato aparece, mas com óculos de realidade virtual! O termo realidade virtual já é bem conhecido pelo público brasileiro – uma busca rápida na internet pela expressão óculos de realidade virtual resulta em imagens semelhantes à que vemos na cabeça da senhora no terceiro quadro. Assim, conseguiu-se traduzir a tira mantendo-se as duas ideias do original: houve um

jogo com a palavra óculos no modo verbal, que tanto indica óculos de leitura quanto de realidade virtual; e houve o efeito de alienação no modo contexto, já que os óculos de realidade virtual servem para ver outra realidade além da triste e real que será mostrada no noticiário. E um terceiro efeito surge para dar mais humor: o fato de uma pessoa idosa usar esse tipo de aparelho, o que em nossa sociedade não seria tão usual, pois fugiria do modo estereótipo já consolidado para pessoas velhas. Para fazer a tradução da imagem, usei os softwares Gimp e Paint.

Figura 4: Óculos de realidade virtual como tradução para a palavra óculos.



Fonte: <https://www.susancam.ca>.

O terceiro caso diz respeito a uma pesquisa que coordenei em 2020 junto ao Instituto Federal do Sul de Minas,<sup>6</sup> relacionando tradução e café (SILVA, SILVA & OLIVEIRA, 2020a, 2020b). Como teoria, a pesquisa se apoiou no conceito de localização, conforme desenvolvido por Anthony Pym (2004) e Achilles Prudêncio et al (2004): resumidamente, significa que um produto pode ter partes dele construídas para permitir sua tradução tanto linguística quanto relacionada a algum aspecto estrutural específico de uma cultura. Por exemplo, um software pode ser construído nos Estados Unidos, onde o formato de apresentação de datas é na ordem mês, dia e ano, mas ele pode permitir a configuração de datas usual do Brasil, que é na ordem dia, mês e ano. Neste caso, o formato de data é um aspecto cultural traduzido dentro do software.

Expandindo a ideia de localização, a pesquisa buscou inicialmente encontrar e compreender diferenças culturais entre os hábitos de consumo de café de brasileiros e de norte-americanos e usou quatro fontes de dados distintas para coleta de informações: artigos científicos e sites de Internet confiáveis; um formulário respondido por 227 consumidores brasileiros de café; dados de posts de grupos do Facebook de apreciadores de café nos Estados Unidos; e quatro embalagens de diferentes marcas de café vendidas em mercados brasileiros e quatro vendidas em norte-americanos.

A partir das informações obtidas das três primeiras fontes, alguns dados interessantes surgiram, dos quais menciono apenas um: correlacionando os dados levantados no formulário e nos artigos científicos, constatamos que prazer e hábito são, de longe, os principais motivos que levam brasileiros a consumir café (média de 75% das pessoas consultadas). Entre os norte-americanos, porém, motivos como sabor (*taste*), energia (*energy*) e mesmo cafeína (*cafein*) são opções de escolha nas pesquisas, e são escolhidas por boa parte dos pesquisados. Percebemos pelos artigos científicos

---

6 Com os alunos de graduação Luiz Guilherme M. da Silva e Ádrian Rodrigues Oliveira.

norte-americanos que o teor de cafeína é uma informação relevante entre os consumidores de lá, embora tal teor não apareça registrado nos rótulos das embalagens que consultamos.

Sobre as embalagens, nossas comparações mostraram algumas semelhanças e diferenças relevantes, das quais menciono uma diferença: observou-se que os cafés vendidos no Brasil possuem maior referência à origem da matéria-prima, através de desenhos, fotos ou símbolos, o que não é tão notado nos cafés do exterior, que usam uma simbologia própria, mais distante do campo semântico do café. É como se não importasse muito aos norte-americanos saber de onde vem ou como é produzido o café.

De posse das informações acima, pensamos em algumas possibilidades de embalagens e recursos semióticos que pudessem atrair a atenção dos norte-americanos. Uma informação extra que utilizamos foi a ideia de marca-país: conforme explicado por Roth, Diamantopoulos e Montesinos (2008): ao associar um produto a um país, o consumidor tece relações e aciona impressões e emoções que vão influenciar sua percepção sobre o produto, tanto positiva quanto negativamente. Assim, apostamos nos aspectos “exóticos” do Brasil, estrangeirizamos nossas embalagens e formas de consumo ao apresentá-las aos norte-americanos.

Uma das primeiras possibilidades pensadas pelo grupo foi associar o café a outro alimento conhecidamente brasileiro, o pão de queijo (ou *Brazilian cheese bread*). Uma embalagem que associe as imagens do café e do pão de queijo poderia evocar sensações positivas ao café, já que o pão de queijo é um alimento brasileiro muito conhecido e apreciado no exterior.

Outra possibilidade foi pensada de acordo com a associação que os norte-americanos fazem do café com cafeína: como dito antes, o café serviria como fonte de cafeína, e esta serviria como um energético ou um modo de ficar desperto por mais tempo. Em nossas pesquisas não pudemos descobrir o porquê dessa associação tão forte e que não

ocorre entre os brasileiros. Neste caso, pensamos em mudar a cor das embalagens de acordo com o teor de cafeína do café. Dependendo da variedade do grão de café, bem como do processo de moagem e torrefação, é possível modificar a porcentagem de cafeína no produto final. Assim, um café que tivesse menos cafeína, teria uma embalagem de cor marrom mais clara, enquanto que um café com alto teor de cafeína teria uma cor mais escura. É o mesmo sistema usado por algumas empresas produtoras de chocolate: quanto maior o teor de cacau, mais escura a embalagem. Também pode-se pensar no uso de um selo ou outro símbolo mais afeito aos norte-americanos para se representar, junto com a cor da embalagem, o teor de cafeína (neste caso, fariamos uma domesticação do produto). Como resultado, desenvolvemos as embalagens que aparecem na Figura 5, com cores diferentes e com a imagem do pão de queijo e da xícara de café juntas.

Apesar de bem resumidos os dados e possibilidades da pesquisa, pode-se perceber que o ambiente multissemiótico resultante da interação dos brasileiros com o café e suas embalagens, que implica vários sistemas semióticos funcionando ao mesmo tempo (cheiro, tato, formas geométricas, palavras, cores e seus simbolismos, para mencionar apenas alguns deles) pode sim ser traduzido num ambiente multissemiótico que atraia norte-americanos. Nem tudo será traduzido: não se pode criar um café específico para ser vendido apenas aos norte-americanos. É possível, porém, transformar a forma como os consumidores estrangeiros perceberão o café brasileiro, assim como se faz com a percepção de uma obra literária, a depender das escolhas feitas pela pessoa que traduz.

Figura 5: Gradação da cor de acordo com o teor de cafeína.



Fonte: Autoria própria.

## Para concluir

Traduzir nunca foi algo restrito ao sistema verbal, escrito ou oral, das línguas. Mesmo uma tradução literária, de um livro impresso para outro livro impresso, feito apenas de palavras e letras verbais, ainda tem de lidar com as figuras de linguagem, a sonoridade e outras construções possíveis dentro da língua escrita, construções essas capazes de exigir o acionamento de vários sistemas semióticos na pessoa que lerá a tradução. Mas graças aos novos e variados modos de transmissão e evocação de sentidos usados atualmente, o desafio da tradução se torna ainda mais complexo. Como traduzir entre tantos modos diferentes e pertencentes a tantos sistemas semióticos distintos? O que traduzir?

Não há uma resposta simples a essa pergunta. Primeiramente, vai depender do tipo de texto que está sendo traduzido: um livro literário é bem diferente de um meme. Depois, deve-se considerar para que e para quem se está traduzindo. Ainda, deve-se levar em conta o que pode ser traduzido, pois dependendo do texto, certas partes dele não poderão ser modificadas. É o caso, por exemplo, da maioria dos quadrinhos estrangeiros traduzidos no Brasil: o trabalho de quem traduz se restringe quase que exclusivamente às palavras dentro dos balões.

De qualquer modo, independentemente das circunstâncias da tradução (texto, semioses, público, restrições, etc.), a pessoa que traduz deve ter a sensibilidade e o conhecimento para perceber todas as possibilidades de transmissão de informações e suas respectivas traduções, seja dentro de um mesmo sistema, seja para outros. Deve-se aprender a ler o texto de forma holística, observando-se como os diversos modos se entrelaçam e funcionam, e depois trabalhar cada um desses modos, verificando suas possíveis transformações. Não é um trabalho fácil e talvez nem receba os devidos reconhecimentos financeiros e de status, mas certamente é um aprendizado valioso e permitirá novas formas de se enxergar o mundo, as pessoas e suas infinitas significações.

## Referências

BARTHES, Roland (1986). *Lo obvio y lo obtuso: imágenes, gestos, voces*. Traducción de C. Fernandez Medrano. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica.

BEANS, John (2020). Our team spent 300+ hours on research. Here's what we learned about coffee statistics in the USA. *My Friends Coffee*, July 9, 2020. Disponível em <https://myfriendscoffee.com/usa-coffee-statistics/> Acesso em 02 mar. 2021.

CHESTERMAN, Andrew (2001). Proposal for a Hieronymic Oath. *The Translator*, v. 7, n. 2, p. 139-154.

CLÜVER, Claus (2006). Iconicidade e isomorfismo em poemas concretos brasileiros. O eixo e a roda: *Revista de literatura brasileira*, v. 13. p. 19-38. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/view/3214](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3214) Acesso em 02 mar. 2021.

JAKOBSON, Roman (1959). Aspectos linguísticos da tradução. In *Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 63-72.

KRESS, Gunther (2009). What is mode? In: Jewet, Carey (ed). *The Routledge Handbook of Multimodal Analysis*. London: Routledge, p. 54-66

PEIRCE, Charles S. (2005). *Semiótica*. Tradução de José T. C. Neto. São Paulo: Perspectiva. Coleção Estudos.

PRUDÊNCIO, Achilles C; VALOIS, Djali A; DE LUCCA, José E. (2004). Introdução à internacionalização e à localização de softwares. *Cadernos de Tradução*, v. 2, n. 14, p. 211-242, Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6482> Acesso em 02 mar. 2021.

PYM, Anthony (2004). *The moving text: localization, translation, and distribution*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

ROSCH, Eleanor (1973). On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MORE, T. E. *Cognitive Development and the Acquisition of Language*. New York: Academic Press, p.111-144

ROTH, K. Z., DIAMANTOPOULOS, A., MONTESINOS, M. Á. (2008). Home Country Image, Country Brand Equity and Consumers' Product Preferences: An Empirical Study. *Manage. Int. Rev.*, 48, 2008, p. 577-602. Disponível em <https://doi.org/10.1007/s11575-008-0031-y> Acesso em 02 mar. 2021.

SAID, Edward (1996). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomás R. Bueno. 1ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras.

SAUSSURE, Ferdinand de (1916). *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Adriano C. da (2017). On Jakobson's intersemiotic translation in Asterix comics. *Comparatismi*, v. 2. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14672/20171233> Acesso em 02 mar. 2021.

SILVA, Adriano C. da (2019). *Repensando a imagem: o visual e o verbal em tradução* (199 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

SILVA, Adriano C. da (2020). Corpos e cenários (re)traduzidos em Habibi, de Craig Thompson: transculturalidade e orientalismo revistos. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 59, n. 2, p. 1011-1030. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8660095> Acesso em 02 mar. 2021.

SILVA, Adriano C. da; SILVA, Luiz G. M.; OLIVEIRA, Ádrian R. (2020a). Traduzindo rótulos de café: Comparações socioculturais entre consumidores brasileiros e norte-americanos. *Anais da 12ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS*. Machado, MG.

SILVA, Adriano C. da; SILVA, Luiz G. M.; OLIVEIRA, Ádrian R. (2020b). Diferenças e semelhanças entre rótulos de café do Brasil e dos Estados Unidos. *Caderno de resumos - 2º Simpósio de Engenharia Agrônoma e 6ª Semana da Agronomia*. Muzambinho, MG.

THOMPSON, Craig (2011). A Conversation about Habibi's Orientalism with Craig Thompson. [Entrevista concedida a] Nadim Damluji. *The Hooded Utilitarian*. 16/11/2011. Disponível em <https://www.hoodedutilitarian.com/2011/11/a-conversation-about-habibis-orientalism-with-craig-thompson/> Acesso em 02 mar. 2021.

THOMPSON, Craig (2012). *Habibi*. Tradução de Érico Assis. São Paulo. Quadrinhos na Cia.

YUSTE FRÍAS, José (2014). Paratextualidade e tradução: a paratradução da literatura infantil e juvenil. *Cadernos de Tradução*, v. 2, n. 34, p. 09-60. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2014v2n34p9> Acesso em 02 mar. 2021.